



<http://climacom.mudancasclimaticas.net.br/nas-ruinas-dos-extremos/>

Nas ruínas dos extremos: midiarte e ativismo como antídotos contemporâneos

Laís Menezes de Souza Silva[1]

RESUMO: Este ensaio reflete sobre a intrincada relação entre humanidade, tecnologia e natureza diante do atual colapso socioambiental, frequentemente moldado por uma lógica colonialista e capitalista. Questionando a dualidade entre o natural e o artificial, o texto apoia-se em pensadores como Bruno Latour e Donna Haraway para desconstruir o binarismo limitante e assumir nossa condição de híbridos sociotécnicos. A partir de conceitos como o "colonialismo químico" de Larissa Bombardi e a necessidade de "fazer parentes" no Chthuluceno de Haraway, evidencia-se a urgência de repensar nosso estar no mundo. Como antídoto à cosmofofia e ao extremismo contemporâneo, a pesquisa apresenta a "confluência" e a "biointeração", propostas por Nego Bispo, e destaca o papel central da arte. Analisando as obras imersivas de Luiza Guimarães, que integram tecnologia e neurociência, e o "ativismo" cosmológico do artista indígena Jaider Esbell, o texto argumenta que a arte possui o poder de interromper o caos. Conclui-se que não devemos temer ou rejeitar a tecnologia, mas sim integrá-la aos saberes originários. Através dessa aliança, torna-se possível hackear as engrenagens de dominação e desenhar um futuro emancipatório, onde a tecnologia e a natureza atuem de forma aliada na reinvenção da nossa própria humanidade.

PALAVRAS-CHAVE: Pós-humanismo. Contracolonialismo. Arte e Tecnologia. Ativismo. Chthuluceno.

In the ruins of extremes: media art and activism as contemporary antidotes

ABSTRACT: This essay reflects on the intricate relationship between humanity, technology, and nature in the face of the current socio-environmental collapse, which is frequently shaped by a



colonialist and capitalist logic. Questioning the duality between the natural and the artificial, the text relies on thinkers such as Bruno Latour and Donna Haraway to deconstruct limiting binaries and assume our condition as socio-technical hybrids. Drawing on concepts such as Larissa Bombardi's "chemical colonialism" and the need to "make kin" in Haraway's Chthulucene, the paper highlights the urgency of rethinking our existence in the world. As an antidote to cosmophobia and contemporary extremism, the research presents the concepts of "confluence" and "biointeraction," proposed by Nego Bispo, and emphasizes the central role of art. By analyzing the immersive works of Luiza Guimarães, which integrate technology and neuroscience, and the cosmological "artivism" of Indigenous artist Jaider Esbell, the text argues that art has the power to interrupt chaos. It concludes that we must not fear or reject technology, but rather integrate it with ancestral knowledge. Through this alliance, it becomes possible to hack the mechanisms of domination and design an emancipatory future, where technology and nature act as allies in the reinvention of our own humanity.

KEYWORDS: Posthumanism. Counter-colonialism. Art and Technology. Artivism. Chthulucene.

Introdução

Será que conseguimos deixar a tecnologia? A falta dela me afeta, honestamente, pois no meu celular está parte da minha memória, meu dinheiro, boa parte dos meus contatos e compromissos. A tecnologia pode ser nociva, tal como temos visto em jornais e noticiários: preocupações sobre o desenvolvimento de armas nucleares, conflitos internacionais que envolvem poder, petróleo e o domínio de quaisquer outros recursos ambientais.

O que podemos talvez determinar, com certa confiança, é que a natureza do ser humano, com toda a sua dualidade, tem um potencial tanto para o bem como para o mal. Seja a natureza ou a tecnologia, ambas podem ser o alvo desse ser, que é humano, mas em parte desfigurado. Em essência, movido pela ganância que o cega e o isola, longe de todos, o mundo vira um campo pelo qual devemos brigar.



Talvez seja necessário, de fato, entender nossa dualidade para compreender por qual caminho devemos ou queremos andar. Longe de pregar que cegamente caminhamos rumo a um destino ou propósito preconcebido, devemos ter consciência moral de nossos atos e da nossa conduta. Será que ela nos eleva ou nos rebaixa a meros servos obedientes da "banalidade do mal" da contemporaneidade?

Pensando aqui, busquei referências que variam. Pensei no livro "Armas, germes e aço" de Jared Diamond de 1997 ou em "A Conquista da América: a questão do Outro" de Tzvetan Todorov de 1982; ou em filmes que me instigaram a pensar em outras formas de convivência, como o "Capitão Fantástico" de 2016, escrito e dirigido por Matt Ross. Mas essas referências ainda estão dentro da lógica colonialista. A frase que mais ecoava no meu âmagô era: qual o melhor caminho? Driblar nossos próprios pesadelos às vezes é o suficiente. Para além do eu, pensar de forma sociável é uma escolha. Integrar-me à natureza, ao outro e ao contexto se torna um processo reflexivo e de autoconsciência.

Entender o que te afeta, o que te cerca e o que flui, neste cenário contemporâneo – no qual o individualismo é a proposta do sucesso. Saber fluir, aprender, ensinar, viver em comunidade e com o outro, talvez seja o que há de mais importante e vital para driblar a "Era das Tragédias Calculadas": da bomba nuclear às invasões por países e nações que se dizem mais capazes de administrar aquilo que lhes pertence.

O próprio verbo "pertencer" deveria ser melhor aplicado. O que te pertence de fato é o tempo – este finito, camuflado sob escolhas, ações que marcam aos olhos alheios aquilo que você é. Logo, aquele outro ignorado, vai rotular a essência do que você foi ou do que ainda é, se ainda estiver vivo. Seja como for, o poder de questionar o bem e o mal, e de romper com as dualidades impostas pela vida contemporânea, é o que te permite reinventar a sua humanidade. É sob essa busca, menos binária e mais consciente, que caminha a humanidade. Não somos definidos por opostos isolados, mas pelas teias de relações que construímos. É rumo a essa confluência que a sociedade deve caminhar. Escolhas. Qual é a sua?

Era dos extremos



Se para Hobsbawm a frase “Era dos Extremos” era a definição perfeita do século XX, para nós ela é sentida no século XXI nas catástrofes ambientais e nos transtornos psicossociais. Se existe um caminho para pensar a tecnologia como aliada ou inimiga, eu estou nele. Neste sentido, é preciso também pensar na era em que vivemos, como Haraway (2016) destaca que, nem mesmo a nossa espécie – com toda a sua arrogância e que “finge ser constituída de bons indivíduos nos chamados roteiros Ocidentais modernos” (Haraway, 2016) –, age sozinha.

Haraway (2016) reforça a necessidade de pensar em um novo e potente nome que consiga refletir as características dessa era. Assim, Antropoceno, Plantationoceno e Capitaloceno, são termos que Haraway (2016) afirma terem sido criados por Andreas Malm e Jason Moore antes de serem adotados por ela, que os utiliza com caráter analítico e crítico para nomear a era de destruição ecológica atual. Mas o termo que melhor define as dinâmicas de forças e poderes que estão em jogo, é o Chthuluceno, pois sintetiza o passado, o presente e o que ainda está por vir. Segundo Haraway (2016), para que possamos sobreviver ao colapso ecológico e social, precisamos aprender a criar “parentescos” com outras espécies, ou seja, “fazer parentes”.

Neste sentido, a perspectiva multiespécie é um conceito fortemente explorado por Anna Tsing (2019) ao analisar as paisagens. A autora propõe uma mudança na forma como as olhamos, pois elas não são cenários passivos e inabitados, mas sim “cenários de habitabilidade” e vida. Tsing (2019) também investiga as ruínas do capitalismo no Antropoceno, opondo-se à lógica de escalabilidade das plantações industriais. Algo que Haraway (2016) também destaca é que, para além das “mudanças climáticas”, há grandes genocídios de pessoas e outros seres causados por uma enorme carga de químicos tóxicos, mineração, entre outras ações predatórias.

Sobre tóxicos e químicos como um forte agente de contaminação ambiental, a pesquisadora Larissa Bombardi (2023) lança mão do conceito de “colonialismo químico”. Ela analisa como indústrias sediadas em países centrais do Norte global, especialmente na União Europeia, produzem e exportam para os países do Sul global – como o Brasil e outros países da América Latina –, agrotóxicos que são terminantemente proibidos em seus próprios territórios. Cerca de 30% dos agrotóxicos autorizados no Brasil, por exemplo, estão banidos na União Europeia. No entanto, essas mesmas nações lucram bilhões exportando esses venenos para o Sul global. Para Bombardi, essa dinâmica reedita de forma trágica as violências históricas do colonialismo clássico –



mas agora através de toxinas e químicos – e é reproduzida pelo capitalismo “moderno” (Bombardi, 2023, p. 55-56).

A pulverização aérea de agrotóxicos atinge populações camponesas e indígenas, mas, segundo Bombardi, os indígenas são os que mais sofrem com os químicos agrícolas no Brasil. A aspersão de agrotóxicos, para a autora, é “apenas a mais nova modalidade da histórica violência contra as populações indígenas e camponesas no país” (Bombardi, 2023, p. 54), violando a Constituição de 1988 e a Convenção 169 da Organização Internacional do Trabalho (OIT).

Um exemplo recente de mais uma violação aos povos indígenas foi o Decreto nº 12.600, de 28 de agosto de 2025, revogado no final de fevereiro de 2026 após intensa mobilização indígena contrária. Ele incluía trechos gigantescos de três rios essenciais no Programa Nacional de Desestatização (PND): Rio Tapajós (PA), Rio Madeira (RO/AM) e Rio Tocantins (PA/TO). O objetivo era autorizar estudos para a concessão desses rios à iniciativa privada, visando facilitar obras de dragagem e o escoamento da produção agrícola nacional para reduzir custos logísticos. A mobilização legítima e justa dos povos indígenas em relação a esse decreto pautou-se na falta de consulta prévia aos povos originários e ribeirinhos que vivem às margens desses trechos, além de denunciar os danos ambientais e o fato de ignorarem que os rios são territórios vivos.

Se, por um lado, todo avanço sobre a Amazônia e os recursos ambientais se dão em nome do progresso e do “desenvolvimento sustentável” – tal como é evidenciado em obras do artista Jaider Esbell –, por outro, Nego Bispo (2023), que argumentava sobre a importância das palavras, afirmava que o termo “desenvolvimento” desconecta, sendo uma variante da cosmofofia – que ele define como o medo do cosmos e uma aversão profunda a tudo o que é natural e original. Contrário ao “desenvolvimento sustentável”, que, para ele, é sinônimo de desconectar, retirar do cosmos e quebrar a originalidade, Bispo propõe a biointeração como uma poderosa ferramenta de resistência contracolonial. Esta se baseia no respeito profundo e horizontal entre todos os viventes, visando uma reorientação ecológica que nos afasta do distanciamento ativo das terras e das matas.

Para o autor, a linguagem colonial deve ser desconstruída através da semeadura de novas palavras: assim como o “saber sintético” é combatido pelo “saber orgânico”, a “coincidência” é substituída



pela "confluência" (Santos, 2023, p. 3-4). A confluência, para ele, é a energia que move o compartilhamento; ela não anula a identidade de quem se une, mas permite uma expansão em que "a gente passa a ser a gente e outra gente" (Santos, 2023, p. 3-4). Juntas, essas palavras formam um novo vocabulário para nos afastar do desenvolvimento destrutivo e nos guiar em direção ao envolvimento com o cosmo.

Midiarte e ativismo: antídotos aos extremos

Nego Bispo (2023) afirma que "a arte é a conversa das almas", sendo ela a responsável por alimentar a vida (Santos, 2023, p. 11). Para Georges Didi-Huberman, uma das maiores forças da imagem é a sua capacidade de criar, simultaneamente, um sintoma que gera uma interrupção no saber estabelecido e um conhecimento que cria uma interrupção no caos, o que faz a imagem "arder" em seu contato com o real (Didi-Huberman, 2023, p. 214). Para ele, a imagem nunca é um simples recorte pacífico ou neutro do mundo visível; ela é uma impressão, um rastro visual do tempo que ela quis tocar. A imagem inflama-se e nos consome porque ela "arde" pelo desejo que a anima, pela intencionalidade que a estrutura e, sobretudo, pela destruição da qual ela escapou (Didi-Huberman, 2023, p. 216).

O primeiro passo é abandonar a ideia de que existe uma separação pura entre a "Natureza" intocada e a "Tecnologia" artificial. Como argumenta o filósofo Bruno Latour, "jamais fomos modernos" (Latour, 1994) porque sempre criamos e dependemos de híbridos sociotécnicos. O desespero de tentar destruir as máquinas para voltar a um passado supostamente puro é o que Latour chama de postura "anti-moderna", que não resolve o problema. Donna Haraway (2000) reforça isso através da figura do ciborgue, afirmando que a máquina não é um monstro a ser idolatrado nem destruído. Ela diz: "A máquina coincide conosco, com nossos processos; ela é um aspecto de nossa corporificação" (Haraway, 2000, p.97). O nosso papel ético não é fugir da tecnologia, mas assumir a responsabilidade pelas fronteiras e usos que fazemos dela.

Neste sentido, a obra da Luiza Helena Guimarães demonstra como a arte, ao abraçar a tecnologia e a ciência, não só reflete a complexidade do mundo contemporâneo, mas também provoca reflexão crítica, engaja o público com os desafios do futuro e age como mediadora entre o conhecimento científico e a percepção humana, expandindo as fronteiras da linguagem e da experiência imersiva.



A midiarte e a art-science de Guimarães (2021) evidenciam essa nova era de convergência tecnológica. A artista explora como a criação se entrelaça com o desenvolvimento tecnológico, ao incorporar e dialogar com essas ferramentas, tornando-se um espaço para sondar futuros possíveis. A Arte Espectro Neural, definida por Guimarães (2021), refere-se a uma prática artística transdisciplinar, imersiva e interativa que utiliza tecnologias como Realidade Virtual (RV), Realidade Aumentada (RA) e panoramas 360°. Essa abordagem visa criar ambientes visuais e sonoros que exigem novas aptidões cerebrais, sendo produzida em conjunto com descobertas da física e neurociência. O conceito de "espectro" destaca a capacidade da arte de afetar e evocar o "vir a ser", atuando no campo dos acontecimentos incorpóreos.

A arte de Guimarães, ao incorporar tecnologias como inteligência artificial e visualização de dados, não só reflete os impactos da ciência na vida e na percepção da realidade, mas também levanta profundas questões éticas. Projetos do Laboratório de Arte Espectro Neural (LArtEN), como "Espectros Computacionais 360° (EC360)" e "#EntrancedEarth_Panorama", ilustram essa convergência. O EC360, por exemplo, utiliza ressonâncias cerebrais para criar ambientes imersivos que exploram a interação entre cérebro, ondas eletromagnéticas e som, buscando tornar visíveis forças que nos afetam. Já o #EntrancedEarth_Panorama usa rastros digitais e sensíveis, incluindo mineração de dados do Twitter sobre problemas climáticos, para conectar espaços e tempos, conscientizando sobre o Antropoceno.

Figura 1-Mente que Mente, Museu da República — RJ, Luiza H. Guimarães, 2006

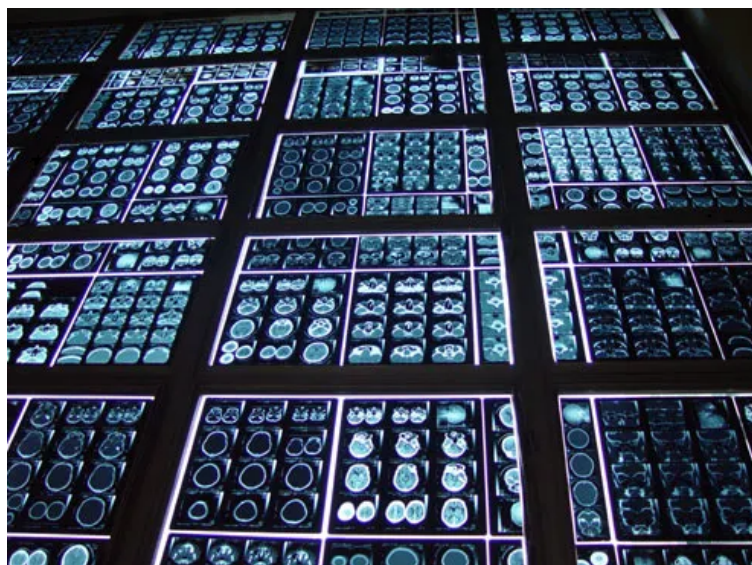


Fonte: Disponível em: <https://luizahelenaguimares.medium.com/cartografia-vital-acad%C3%A0mica-586acfd6729b>.

Acesso em: 13 abr. 2026.



Figura 2- Catedral de Cérebros, Galeria de Arte da UFF — RJ. Luiza H. Guimarães, 2004



Fonte: Disponível em: <https://luizahelenaguimares.medium.com/cartografia-vital-acad%C3%A0mica-586acfd6729>.

Acesso em: 13 abr. 2026

A riqueza da obra da artista e pesquisadora Luiza Guimarães está justamente em explorar o potencial imersivo, sonoro, visual e virtual da tecnologia. A figura 1, que apresento acima, fruto do trabalho “Mente que Mente”, é uma representação do impacto que a tecnologia possui sobre os nossos corpos. A arte dela não nos isenta de algo que, nos dias atuais, tem se tornado cada vez mais raro: a presença. Diante da sensação de multitarefa – de estar em todo lugar, fazendo tudo ao mesmo tempo, comportamento que ganhou força com a mediação da tecnologia –, o que é proposto no seu trabalho é uma experiência imersiva que busca explorar os nossos sentidos. Esse olhar da artista para os aspectos cognitivos e neurais, fica evidente em toda a sua produção artística. A figura 2, “Catedral de Cérebros”, que apresento acima, nos remete ao lado oculto da mente humana: a subjetividade, o consciente e o inconsciente.

O “Artivismo” de Jaider Esbell, por sua vez, evidencia a essência da arte indígena. Diferentemente da visão ocidental, que define a arte, muitas vezes, apenas de forma estética ou como entretenimento, a arte indígena não existe sem a luta pelo “direito à terra e à vida” (Esbell, 2018). Sua verdadeira força reside na espiritualidade, indo muito além das molduras e galerias. Esbell fala



sobre o colapso moderno do mundo ocidental capitalista e da perda de sentido. É nesse cenário que a arte indígena surge como uma nova forma de pensar a humanidade e curar o meio ambiente.

Na obra “Carta ao Velho Mundo” de Esbell, o artista Makuxi usou as 400 páginas de um antigo livro de História da Arte Europeia, que ele adquiriu em um sebo no Nordeste, e que é cheio de imagens clássicas e coloniais. Ele interveio com pinturas, desenhos e escritas por cima dessas imagens. Esta obra funciona, quase que literalmente, como uma carta endereçada à Europa, o “Velho Mundo”, e denuncia séculos de colonização e o genocídio dos povos nativos da Amazônia, causado pela ganância e pela exploração desenfreada dos recursos naturais. Para Esbell, a “arte indígena contemporânea vem juntamente com tudo o que há de tecnologia” (Esbell, 2018). Não se trata de render-se ao mercado da arte, pois sua atuação vai muito além de usufruir das estruturas econômicas, icônicas e midiáticas; trata-se de ensinar e proteger a vida através do empoderamento cosmológico. A arte indígena, portanto, para Esbell, é uma ferramenta de ensinamento que nos permite acessar a sua visão de mundo, em que a humanidade e a natureza são uma coisa só. Abaixo apresento algumas obras do artista:

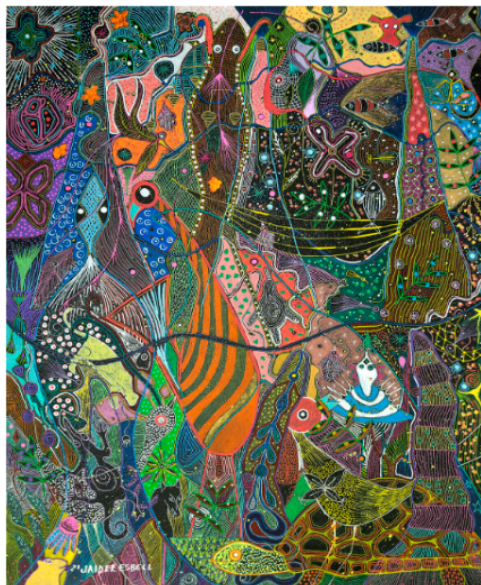
Figura 3 – Carta ao Velho Mundo" (2018-2019)



Fonte: Disponível em: <http://www.jaideresbell.com.br/site/2019/03/20/carta-ao-velho-mundo/>. Acesso em: 13 abr.



Figura 4 – Na Terra Sem Males (2021)



Fonte: Disponível em:

<https://www.premiopipa.com/2021/10/obras-de-jaider-esbell-integram-a-colecao-do-centre-pompidou/>. Acesso em: 13 abr. 2026.

Figura 5 – Desenho 5 da série It was Amazon (2016)



Fonte: Disponível em: <<http://www.jaideresbell.com.br/site/2016/07/01/it-was-amazon/>>. Acesso em: 13 abr. 2026.

Figura 6 – Desenho 6 da série It was Amazon (2016)



Fonte: Disponível em: <<http://www.jaideresbell.com.br/site/2016/07/01/it-was-amazon/>>. Acesso em: 13 abr. 2026

Figura 7 – Desenho 7 da série It was Amazon (2016)



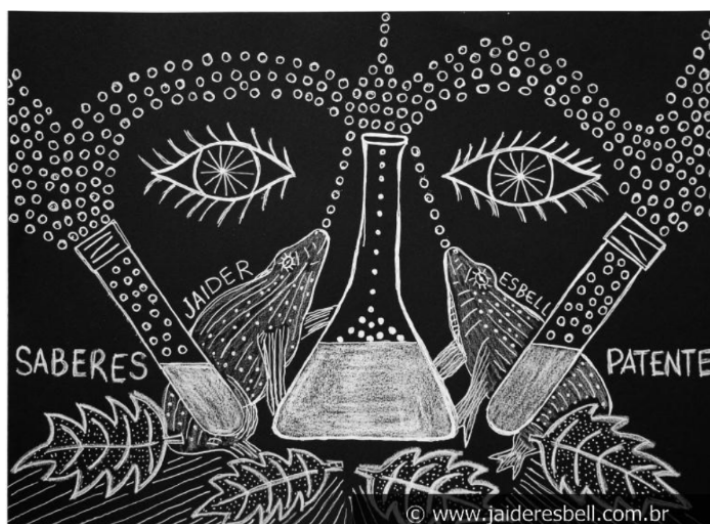
Fonte: Disponível em: <<http://www.jaideresbell.com.br/site/2016/07/01/it-was-amazon/>>. Acesso em: 13 abr. 2026 .

Figura 8 – Desenho 8 da série It was Amazon (2016)



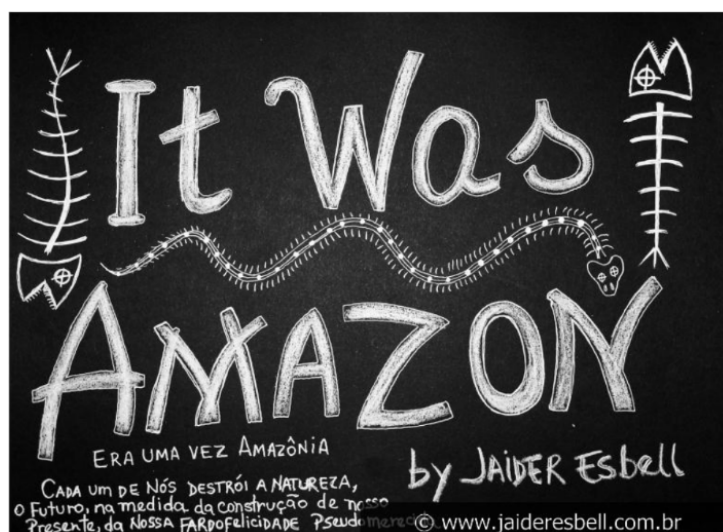
Fonte: Disponível em: <<http://www.jaideresbell.com.br/site/2016/07/01/it-was-amazon/>>. Acesso em: 13 abr. 2026 .

Figura 9 – Desenho 9 da série It was Amazon (2016)



Fonte: Disponível em: <<http://www.jaideresbell.com.br/site/2016/07/01/it-was-amazon/>>. Acesso em: 13 abr. 2026 .

Figura 10 – Desenho 10 da série It was Amazon (2016)



Fonte: Disponível em: <<http://www.jaideresbell.com.br/site/2016/07/01/it-was-amazon/>>. Acesso em: 13 abr. 2026 .

Conclusão

Como diria a música “Um Sonho” da Nação Zumbi, às vezes, a sensação é: “Estão comendo o mundo pelas beiradas. Roendo tudo, quase não sobra nada”. Em um cenário de ruínas, ficamos perplexos com a ganância humana, a extração e exploração de recursos ambientais de maneira desenfreada e devastadora. O colapso ambiental é o resultado de uma lógica colonialista que só sabe tirar, é preciso retornar ao ensinamento de Nego Bispo de que “a terra dá, a terra quer”, compreendendo que a abundância só se mantém através da circularidade e do respeito ao que a terra nos pede de volta.

Para romper com a lógica colonial que nos arrastou para a “Era das Tragédias Calculadas”, o primeiro passo é abandonar a ilusão moderna das fronteiras. Abandonar binarismos limitantes que separam Humano/Natureza, Humano/Tecnologia ou Bem/Mal, que são ferramentas de dominação, e assumir a nossa condição pós-humana, no sentido proposto Haraway e Latour. O que não significa nos rendermos à frieza das máquinas, mas reconhecermos que somos híbridos, e que a tecnologia, tal como a terra e os rios, é uma extensão da nossa corporificação. Ao invés de termos medo da tecnologia ou querermos voltar no tempo, precisamos assumir o controle moral



sobre o mundo complexo que construímos e nos responsabilizar pelas teias sociotécnicas e multiespécies que criamos.

Nesse cenário de colapso, a arte atua como o antídoto definitivo contra a cosmofofia. Seja no "ativismo" cosmológico de Jaider Esbell, que usa a espiritualidade para curar as fraturas do mundo moderno, ou nas imersões espectrais de Luiza Guimarães, que abraça as inteligências maquínicas para sondar o Antropoceno. A arte faz a imagem "arder", como define Didi-Huberman, ela interrompe o caos. A arte é a linguagem capaz de hackear as engrenagens do capital, transformando a tecnologia e o saber ancestral em ferramentas simultâneas de sobrevivência e emancipação.

É preciso reconhecer, no entanto, a tensão material que permeia essa aliança. Ao celebrarmos as inteligências maquínicas e a imersão virtual proposta pela midiarte, esbarramos no fato de que o maquinário tecnológico contemporâneo nasce da extração e mineração das "terras raras", o que causa danos e degradação ambiental na exploração exacerbada desses recursos pelo capital. Apesar disso, ao subverter a tecnologia como ferramenta de conscientização e de proposta artística, não só adentramos no que Santaella (2003) chama de culturas e artes do pós-humano, como, também, abraçamos nossa condição pós-humana, que se reconhece na hibridização humano-tecnologia.

É nesse cruzamento entre o silício, o cosmos e a terra que encontramos a confluência defendida por Nego Bispo. Confluir é entender que a tecnologia de ponta e os saberes originários não precisam se anular; eles podem correr juntos, expandindo o que somos sem apagar nossas raízes. O mundo não precisa ser um campo de batalha isolado pela ganância. Fazer "parentescos" com o maquinário, com a floresta e com o outro é o ato político que nos resta. Como anunciou a Nação Zumbi em *Novas Auroras*, "no fetiche do tempo pelas horas", a contemporaneidade deixa de agir e pensar moralmente, viciada em telas e consumo, cai na solidão, depressão e ansiedade. Tal cenário pode ser revertido ao escolhermos a biointeração em vez do domínio, e a confluência em vez da segregação, talvez possamos, finalmente, desenhar uma aurora onde a tecnologia e a natureza sejam aliadas na reinvenção da nossa própria humanidade.



Por fim, o objetivo deste ensaio não é esgotar o debate sobre hibridismo humano-tecnologia, tampouco sobre a tecnologia em si – que tem sido alvo de importantes debates sobre danos ambientais – mas, sim, tal como Jaider Esbell denuncia em sua obra de arte, reconhecer que cada um de nós destrói a natureza na nossa busca incessante por uma felicidade enlatada, vendida como mercadoria fetichizada. Trago como proposta romper com a dualidade do Bem e do Mal, reconhecendo que não podemos abdicar da responsabilidade sobre nossas escolhas. Além disso, não podemos nos esconder atrás de rótulos que se fundamentam em uma visão simplista e dual. Precisamos romper fronteiras e, de forma esclarecida e consciente, abandonar o “pseudomerecimento” sobre qual o artista nos alerta, para trilhar o caminho da biointeração.

Bibliografia

BOMBARDI, Larissa Mies. **Agrotóxicos e colonialismo químico**. São Paulo: Editora Elefante, 2023.

BRASIL. Decreto nº 12.600, de 28 de agosto de 2025. Dispõe sobre a inclusão de trechos de rios no Programa Nacional de Desestatização. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 29 ago. 2025.

Disponível em:

<<https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/2025/decreto-12600-28-agosto-2025-797894-publicacaooriginal-176238-pe.html>>. Acesso em: 13 abr. 2026.

DIDI-HUBERMAN, Georges. Quando as imagens tocam o real. **PÓS: Revista do Programa de Pós-graduação em Artes da EBA/UFMG**. Belo Horizonte, v.2, n.4, nov, 2012, p.204-219.

ESBELL, Jaider. Arte indígena contemporânea e o grande mundo. **Revista Celeste**, 22 jan. 2018.

Disponível em: <<https://celeste.art.br/arte-indigena-contemporanea-e-o-grande-mundo/>>. Acesso em: 13 abr. 2026.

ESBELL, Jaider. **It was Amazon**. 1 jul. 2016. Disponível em:

<<http://www.jaideresbell.com.br/site/2016/07/01/it-was-amazon/>>. Acesso em: 13 abr. 2026.

ESBELL, Jaider. **Carta ao Velho Mundo**. 20 mar. 2019. Disponível em:

<<http://www.jaideresbell.com.br/site/2019/03/20/carta-ao-velho-mundo/>>. Acesso em: 13 abr. 2026.

GUIMARÃES, Luiza Helena. A arte espectro neural no limiar das ciências e tecnologias: uma luta pela qualidade da vida. In: PIMENTA, Ricardo; ALVES, Daniel (org.). **Humanidades digitais e o mundo lusófono**. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2021. p. 349-368.

GUIMARÃES, Luiza Helena. Cartografia vital acadêmica. Medium, [Ano de publicação]. Disponível em:



<<https://luizahelenaguimares.medium.com/cartografia-vital-acad%C3%AAmica-586acfd6729b>>.
Acesso em: 13 abr. 2026.

HARAWAY, Donna J. **Manifesto ciborgue: ciência, tecnologia e feminismo socialista no final do século XX**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

HARAWAY, Donna. Antropoceno, Capitaloceno, Plantationoceno, Chthuluceno: fazendo parentes. Trad. Susana Dias, Mara Verônica e Ana Godoy. **ClimaCom – Vulnerabilidade** [Online], Campinas, ano 3, n. 5, 2016. Disponível em: <https://climacom.mudancasclimaticas.net.br/antropoceno-capitaloceno-plantationoceno-chthuluceno-fazendo-parentes/>. Acesso em 2 abr. 2026.

LATOUR, Bruno. **Jamais fomos modernos: ensaio de antropologia simétrica**. Tradução de Carlos Irineu da Costa. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1994.

MELO FILHO, Cláudio de. Incertezas emergentes: arte, ecologia e mudanças climáticas no tempo do Antropoceno. **MODOS: Revista de História da Arte**, Campinas, v. 7, n. 1, 2023. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/mod/article/view/8670574>>. Acesso em: 13 abr. 2026.

SANTAELLA, Lúcia. Arte, ciência & tecnologia: um campo em expansão. In: GOBIRA, P. (org.). **Percursos contemporâneos: realidades da arte, ciência e tecnologia**. Belo Horizonte: EdUEMG, 2018. p. 27-50.

SANTAELLA, Lucia. **Culturas e artes do pós-humano: da cultura das mídias à cibercultura**. São Paulo: Paulus, 2003.

SANTOS, Antônio Bispo dos. **A terra dá, a terra quer**. São Paulo: Ubu Editora, 2023.

TSING, Anna. **Viver nas ruínas: paisagens multiespécies no antropoceno**. Thiago Mota Cardoso, Rafael Victorino Devos. Brasília: IEB Mil Folhas, 2019.

VALLE, Marcela Chaves do. Devir Indígena: tempo de devolver o amor à história brasileira. **Logos**, Rio de Janeiro, v. 31, n. 2, 2024. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/logos/article/view/81304>>. Acesso em: 13 abr. 2026.

Recebido em: 15/03/2026

Aceito em: 15/06/2026
